



**DR. FANTÁSTICO, DE STANLEY KUBRICK: UMA
DENÚNCIA SATÍRICA ÀS FORÇAS ARMADAS, À
POLÍTICA E AO PROGRESSO TECNOLÓGICO DA
GUERRA FRIA**

Charles Sidarta Machado Domingos*
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-
grandense/ Charqueadas – IFSUL
csmd@terra.com.br

RESUMO: Este artigo analisa o filme *Dr. Fantástico*, de Stanley Kubrick, a partir da ótica da História Contemporânea. Para tanto, abordaremos os principais pontos do debate teórico da Guerra Fria, o contexto de produção da película relacionando-o com a Crise dos Mísseis e as críticas que o diretor elabora sobre as Forças Armadas, a política e o progresso tecnológico. Por fim, evidenciaremos como o elemento sexualidade cumpriu um importante fator de coesão para a crítica social que o filme pretende realizar – além de trazermos à tona o alerta final desta importante produção de Stanley Kubrick.

PALAVRAS-CHAVE: História Contemporânea – Guerra Fria – Dr. Fantástico – Stanley Kubrick – Cinema

**DR. STRANGELOVE (STANLEY KUBRICK): A
SATIRICAL COMPLAINT TO THE ARMED FORCES,
POLICY AND TECHNOLOGICAL PROGRESS OF THE
COLD WAR**

ABSTRACT: This article analyzes the movie *Dr. Strangelove*, by Stanley Kubrick, from the perspective of Contemporary History. So, we'll discuss the main parts of the Cold War's theoretical debate, the context of movie production relating it with the Missile Crisis and the criticism that the director elaborates about Armed Forces, the political and technological progress. Finally, we will highlight as the element sexuality fulfilled an important cohesive factor for social criticism that the movie pretends to make – and demonstrate the final warning this important production by Stanley Kubrick.

* Professor de História no IFSUL/Charqueadas. Doutorando em História na UFRGS, sob orientação da Prof. Dra. Carla Brandalise.

KEYWORDS: Contemporary History – Cold War – Dr. Strangelove – Stanley Kubrick – Cine

Ao longo da História do Ocidente, muitas vezes o medo do “final dos tempos”, do “último dos dias” ou mesmo do “fim do mundo” assolou os seres humanos, seja individualmente, seja nos mais distintos grupos sociais. Em algumas situações, o “fim do mundo” é um produto da natureza como ondas gigantes e grandes terremotos; em outras, é o sobrenatural que se encarregaria de dizimar a vida na Terra como punição pelos pecados dos homens (e também das mulheres); não é de todo estranho, ainda, que no imaginário social os responsáveis pelo fim da vida na Terra sejam visitantes de outros lugares, como os extraterrestres.¹

Mas há, também, aquelas situações nas quais o responsável pela catástrofe é o próprio ser humano. Pensamos, nesse caso, em especial, no século XX, mais precisamente na sua segunda metade. Tempo no qual a evolução das comunicações, o encurtamento das distâncias (inclusive para fora do planeta), a potência das armas se tornaram tão intensos que é difícil compará-los a outros períodos históricos. O mesmo tempo em que o mundo passara a ter duas possibilidades de formação econômico-social, que se opunham e procuravam se justificar, inclusive ideologicamente, como a mais atraente: de um lado, patrocinando a crença na liberdade, na individualidade e na livre-iniciativa estavam os Estados Unidos da América do Norte (EUA); de outro lado, propagandeando a igualdade, a força da sociedade e do Estado estavam a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ambas superpotências levavam consigo um grande rol de países subordinados, da América à Ásia, passando também pelos demais continentes do globo terrestre.

É nesse momento que a tecnologia se acelerou de maneira surpreendentemente rápida, acarretando dois fenômenos muito particulares: a corrida espacial e a corrida armamentista. Diz-se corrida pois, em termos mais superficiais, não deixava de ser uma disputa entre quem era mais eficiente, entre quem era mais produtivo. Quem fabricava os melhores foguetes, quem fabricava as armas mais potentes, aquelas que seriam

¹ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Os “Apocalipses” de agora!: introdução (e outras coisas). In: _____; et al. **Fim do Mundo: Guerras, Destruição e Apocalipse na História e no Cinema**. Porto Alegre: Argonautas, 2012. p. 9-19.

capazes proporcionar a destruição em massa. Em suma, quem seria capaz de destruir o mundo.

Esse é o tempo da Guerra Fria. Esse é o tempo de *Dr. Fantástico!*

UM POUCO MAIS SOBRE A GUERRA FRIA

Naquele 6 de agosto algo até então muitas vezes temido pelos seres humanos ao longo da História tomava forma. Do ventre do avião Enola Gay é arremessado um objeto cilíndrico de 3 metros de comprimento e 70 centímetros de diâmetro pesando 4 toneladas: era o “pequeno garoto” do presidente Harry Truman que antecederia o “homem gordo” que jogaria todo seu peso no dia 09 de agosto para mostrar aos soviéticos quem mandava naquele novo mundo que se descortinava com a vitória sobre as forças do Eixo em 1945.

O palco no qual o “pequeno garoto” e o “homem gordo” fizeram sua estreia era o Japão, mais precisamente – e respectivamente – as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Mais da metade de Hiroshima foi destruída. Metade das pessoas em um raio de 2 quilômetros foram mortas – além do elevadíssimo número de feridos! O horror era generalizado. A vida humana se dissolvia com os ventos que vinham da América do Norte.

Era a visão mais próxima do fim do mundo que até hoje se teve notícia!

O período histórico de 1945 a 1989 é conhecido por Guerra Fria. Em termos muito gerais, pode ser entendido como o momento de uma grande oposição entre dois modos alternativos de vida, a saber, o capitalismo e o comunismo. Dessa oposição, traço importante é a corrida armamentista que teve início com a detonação das Bombas Atômicas estadunidenses sobre as cidades japonesas em agosto de 1945. Um ato covarde, pois a Segunda Guerra Mundial já estava liquidada desde maio, quando as tropas nazistas foram encurraladas pelas forças estadunidenses em Reims e pelo exército soviético em Berlim, nos dias 7 e 8 respectivamente.

Ao longo do tempo, de acordo com Fred Halliday, os estudiosos de Relações Internacionais tem tido certa “relutância em analisar o fenômeno em termos teóricos”.² Não seria exagero apontar que os historiadores também apresentam essa dificuldade, o que pode ser depreendido da leitura de obras sobre a Guerra Fria.

Procurando solucionar essa deficiência, Halliday se preocupa em destrinchar as quatro abordagens consideradas por ele como mais importantes: a realista, a subjetivista, a internalista e a intersistêmica.

O autor aponta que a abordagem realista entende a Guerra Fria como uma continuação do conflito, mesmo que com novas características como “as armas nucleares, a corrida armamentista e a rivalidade ideológica entre o capitalismo-comunismo”.³ Desse modo, a abordagem realista não poderia dar conta da complexidade que o mundo de pós-guerra traz para a análise meticulosa da situação.

A perspectiva subjetivista preconiza o papel desempenhado pelos atores diretamente envolvidos na formulação das políticas externas, sejam esses atores individuais (políticos) ou coletivos (opinião pública). O eixo central dessa “escola” está calcado na percepção, seja ela correta ou equivocada, do contexto internacional através da informação, pois “o conflito poderia ter sido evitado se somente cada um dos lados tivesse sido melhor informado sobre o outro”.⁴ A abordagem subjetivista necessita, desse modo, de grande argúcia do analista bem como de informações precisas. Esquece-se, no entanto, que um fenômeno como a Guerra Fria se alimenta justamente da ocultação das melhores informações.

Para Fred Halliday a abordagem internalista destaca a “dinâmica da Guerra Fria dentro, ao invés de entre, dos blocos contendores”.⁵ Assim, a Guerra Fria seria uma necessidade para as duas formações econômico-sociais, pois justificaria uma série de medidas tomadas com objetivos internos sob uma camuflagem externa. Entender a Guerra Fria a partir dessa visão internalista oculta as diferenças entre as formações

² HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 71.

³ HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 189.

⁴ Ibid., p. 190.

⁵ Ibid.

econômico-sociais, pois restringe o olhar apenas para o teatro doméstico, prejudicando a comparação entre os produtos das duas realidades.

A “escola” intersistêmica, por sua vez, entende a Guerra Fria como uma disputa entre duas formações econômico-sociais distintas. Através da análise dos pronunciamentos e das práticas dos atores privilegiados do sistema é possível verificar o estatuto de competição que existia entre as duas superpotências, cada qual querendo afirmar-se como mais universalista.

Embora seja uma corrente muito forte entre os estudos de Relações Internacionais,⁶ a abordagem realista não parece dar conta do fenômeno Guerra Fria por não entendê-lo a partir de suas especificidades plenas. Ao não distingui-la do período entre-guerras ou mesmo do pós-Guerra Fria, o realismo perde o componente de historicidade para analisar as relações entre os Estados. A mesma falta de densidade se aplica ao paradigma subjetivista, pois há um forte componente de idealismo presente, obstaculizando o entendimento das condições herdadas do passado em sua análise.

A disputa na forma de entender a Guerra Fria se acirra entre as abordagens internalista e intersistêmica, também conhecidas, respectivamente, como sistema e conflito. Dentre os autores que melhor representam os dois paradigmas, fizemos a opção de trabalharmos com Noam Chomsky e Fred Halliday em razão de fazerem parte de um mesmo arcabouço teórico, o marxista, e pelo alcance de suas reflexões perante a Academia.⁷

Os argumentos expostos aqui, representativos da abordagem internalista e da abordagem intersistêmica, tem a finalidade de exemplificar as diferentes leituras feitas sobre a Guerra Fria para, em seguida, esclarecer ao leitor nossa orientação teórica sobre a questão.

⁶ Para além do próprio Halliday, ver o ensaio de Williams Gonçalves. GONÇALVES, Williams. Relações Internacionais: um balanço teórico-histórico. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **O Século Sombrio**: uma História Geral do Século XX. Rio de Janeiro: Campus, 2004, p. 39-42.

⁷ Dentro desses mesmos critérios, poderíamos ter também escolhido trabalhar com os artigos de Edward Thompson e Eric Hobsbawm presentes em BLACKBURN, Robin. **Depois da Queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Não o fizemos em razão de estarmos mais convencidos dos argumentos de Chomsky e Thompson enquanto leitura “de fundo” da Guerra Fria, em específico.

Noam Chomsky demonstra, em seus estudos, uma crítica intensa aos Estados Unidos e à União Soviética nos quadros da Guerra Fria. Para o autor, que vive e produz em solo estadunidense, tanto seu país quanto a URSS obtiveram vantagens no clamor ideológico da Guerra Fria:

O fato básico e crucial, que nunca é demais repetir, é que o sistema a Guerra Fria é altamente funcional para as superpotências, e é por isso que ele persiste, apesar da probabilidade de mútua aniquilação no caso de uma falha acidental, que ocorrerá mais cedo ou mais tarde.⁸

Seria mais realista considerar o sistema da Guerra Fria como uma macabra dança da morte na qual os governantes das superpotências mobilizam suas populações em apoio a medidas severas e brutais contra as vítimas no interior daqueles que consideram seus respectivos domínios, onde estão “protegendo seus legítimos interesses”. Com esta finalidade, o recurso à suposta ameaça do poderoso inimigo global tem-se verificado dos mais úteis. Neste sentido, a Guerra Fria revelou-se altamente funcional para as superpotências, sendo este um dos motivos pelos quais persiste, não obstante a perspectiva de dizimação recíproca se o sistema sair dos trilhos, o que provavelmente acontecerá mais cedo ou mais tarde.⁹ [Destaque nosso]

Percebe-se que, para o autor, tanto EUA quanto URSS utilizam-se da retórica apocalíptica da Guerra Fria para defender/expandir os interesses mais prementes de seus governantes. Não há maiores críticas a esse respeito. Todavia, nos parece que Chomsky, ao associar diretamente os governantes das superpotências com o papel de cada sistema econômico-social, limita em muito os aspectos ideológicos de cada superpotência. A nosso ver, embora sua crítica não seja desvalida de conteúdo histórico, ela coloca no mesmo nível as duas concepções de mundo em disputa no período conhecido como Guerra Fria, ocultando, assim, elementos significativos de análise.

Fred Halliday, talvez, seja a maior expressão do paradigma intersistêmico. O autor demonstra que há diferenças entre as duas formações econômico-sociais, logo, elas não buscavam os mesmos objetivos. Ao enfatizar que o capitalismo existe e faz parte das características de uma das formações econômico-sociais, embora os teóricos da Guerra Fria obscureçam esse fato, Halliday consegue fortalecer sua tese de que há

⁸ CHOMSKY, Noam. Armas Estratégicas, Guerra Fria e Terceiro Mundo. In: THOMPSON, Edward. (Org.). **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense: 1985, p. 190.

⁹ Id. **Rumo a uma nova guerra fria**: Política Externa dos EUA, do Vietnã a Reagan. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 321-322.

diferenças fundamentais entre EUA e URSS.¹⁰ Logo, fica patente que o conflito entre Estados Unidos e União Soviética existe e molda as relações internas e externas:

Enquanto os dois sistemas distintos existiram, o conflito da Guerra Fria estava destinado a continuar: a Guerra Fria não poderia terminar com o compromisso ou a convergência, mas somente com a prevalência de um destes sistemas sobre o outro. Somente quanto o capitalismo prevalecesse sobre o comunismo, ou vice-versa, o conflito intersistêmico se encerraria.¹¹ [Destaque nosso]

Despojado de suas referências específicas aos EUA [George Kennan], e de seu tom vanglorioso, isto apresentou um programa claro para a conduta de um conflito intersistêmico, baseado, acima de tudo, na competição entre dois sistemas e no objetivo, não da paz ou do compromisso, mas de finalmente prevalecer sobre o outro. O que é impressionante é como esta formulação, explicitada em uma das afirmações estratégicas clássicas da Guerra Fria, encontrou tão pouca reflexão na teoria das RI ou em subseqüentes reflexões sobre o caráter essencial do conflito.¹²

A experiência histórica provou que Halliday estava correto. A Guerra Fria terminou tendo tido um vencedor e um derrotado. No entanto, cabe o registro de que quando Noam Chomsky escreveu os dois textos utilizados aqui, havia muitas indefinições quanto ao futuro da Guerra Fria. Ao passo de quando Fred Halliday escreveu seu livro a Guerra Fria já estava encerrada e os Estados Unidos eram a potência hegemônica no sistema internacional.

DR. FANTÁSTICO: PRODUTO DA CRISE DOS MÍSSEIS

O filme *Dr. Fantástico: ou como aprendi a deixar de me preocupar e amar a bomba* (*Dr. Strangelove or: how i learned to stop worrying and Love the bomb*), dirigido por Stanley Kubrick é produzido na esteira da Crise dos Mísseis de Cuba de 1962, momento no qual há exatos cinquenta anos o mundo esteve à beira de um conflito nuclear de dimensões incalculáveis. Em outubro de 1962, na pequena ilha de Cuba, na América Central, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) desafiava a ordem geopolítica da Guerra Fria ao instalar mísseis nucleares a menos de 100 milhas

¹⁰ HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 195.

¹¹ HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 192.

¹² *Ibid.*, p. 194.

dos Estados Unidos da América do Norte (EUA). Não é exagero destacar que foi o momento de maior tensão de toda a Guerra Fria, como destaca John Gaddis:

Esta inacreditável sucessão de eventos, hoje vista universalmente como a que mais perto levou, durante a segunda metade do século XX, a uma terceira guerra mundial, proporcionou um relance de um futuro que ninguém desejava: o de um conflito que se projetaria além dos limites, da razão e da possibilidade de sobrevivência.¹³

A URSS, desde julho, vinha enviando esforços militares para Cuba. Ao todo, foram mais de 50 mil militares e 158 ogivas nucleares.¹⁴ Deve-se relatar que foi a partir dos vôos U-2 sobre Cuba, realizados em 14 de outubro de 1962, que as primeiras informações do que estava acontecendo na ilha vieram à tona. Embora esses vôos não fossem novidade, dessa vez, as fotografias tiradas pelos pilotos trouxeram um elemento inesperado: foram descobertas diversas bases de mísseis nucleares sendo construídos em Cuba, “segundo a CIA, os mísseis tinham alcance de 1600 Km e tinham capacidade de atingir grande parte da orla marítima oriental do país [EUA]. Uma vez armados e prontos para disparo, poderiam explodir sobre Washington em 13 minutos [...]”.¹⁵

Essa informação foi passada ao presidente dos Estados Unidos no dia 16 de outubro – data que passou a ser conhecida como o “primeiro dia da Crise dos Mísseis”. O presidente convoca seus principais assessores para uma reunião de emergência: a questão que se coloca é “o que fazer?”. As opções acabam se restringindo a duas alternativas: invadir Cuba ou realizar um bloqueio marítimo, denominado de “quarentena”. A decisão só foi tomada no dia 22, uma segunda-feira: os EUA evitariam a invasão e utilizariam a “quarentena”.

Nesse dia, às 19 horas, o presidente John Kennedy realizou um pronunciamento na televisão para “mais de 100 milhões de americanos [...], a maior audiência para um pronunciamento presidencial até então”.¹⁶ O discurso foi realizado em 17 minutos e estava estruturado em 7 pontos principais, onde destaca-se o ponto 3, no qual o presidente ampliava a Doutrina Monroe para os tempos da Guerra Fria: “3. A

¹³ GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 75.

¹⁴ DOBBS, Michael. **Um minuto para a meia-noite**. Kennedy, Krushev e Castro à beira da guerra nuclear. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 77.

¹⁵ Ibid., p.18.

¹⁶ Ibid., p. 68.

política desta nação será considerar qualquer lançamento de projétil nuclear de Cuba contra qualquer nação do hemisfério Ocidental como um ataque da URSS contra os EUA, o que requer uma adequada resposta de represália contra a URSS”.¹⁷ A Organização dos Estados Americanos (OEA) aceitou o argumento de expansão da Doutrina Monroe e apoiou a medida de quarentena por unanimidade. Debates na ONU foram realizados entre os representantes dos EUA (Stevenson) e da URSS (Zorin). Stevenson levou à melhor.

Em 26 de outubro o primeiro-ministro da URSS envia uma carta ao presidente dos EUA propondo a retirada do armamento nuclear de Cuba em troca do compromisso estadunidense de não mais tentar invadir a ilha. Os americanos respiram aliviados! Porém, poucas horas após, mas já no dia 27 chega uma segunda carta de Krushev:

Nós aceitamos retirar de Cuba aqueles materiais que você qualificou de ofensivos, e podemos comprometer-nos a isso no seio das Nações Unidas. Em reciprocidade, seus representantes farão uma declaração no sentido de que os EUA, considerando as dificuldades e a ansiedade do Estado soviético, retirarão da Turquia materiais ofensivos similares.¹⁸

O que fazer frente à nova situação? A guerra nuclear está a um passo de ter início. Os assessores de Kennedy o aconselham a tentar negociar. E ele manda uma carta para Krushev nos seguintes termos:

Nós, por nossa parte, estamos dispostos – mediante o estabelecimento dos adequados acordos realizados através das Nações Unidas para assegurar a continuidade e por em marcha desses compromissos – ao seguinte: a) Levantar imediatamente as medidas de quarentena em vigo; b) Dar segurança contra a invasão de Cuba. Confio em que as outras nações do hemisfério Ocidental estão dispostas a atuar do mesmo modo.

O efeito de tal acordo sobre a tensão mundial nos permitirá continuar trabalhando acerca de um acordo geral referente a “outros armamentos” como você propõe em sua segunda carta que foi feito pública.¹⁹

¹⁷ CASTAÑARES, Juan Carlos Pereira; LILLO, Pedro Antonio Martínez. **Documentos básicos sobre historia de las relaciones internacionales (1815-1991)**. Madri: Complutense, 1995, p. 547.

¹⁸ CASTAÑARES, Juan Carlos Pereira; LILLO, Pedro Antonio Martínez. **Documentos básicos sobre historia de las relaciones internacionales (1815-1991)**. Madri: Complutense, 1995, p. 549.

¹⁹ Ibid., p. 551.

A solução, enfim, foi encontrada. Os soviéticos retiraram os armamentos de Cuba e o mundo passou incólume pelo momento de maior tensão da Guerra Fria. Evidentemente, as consequências não tardariam a aparecer. E no plano na cultura, *Dr. Fantástico*, realizado apenas um ano e meio após os eventos de outubro de 1962, seria a expressão mais bem acabada daqueles 13 dias.



DR. FANTÁSTICO E AS CONTINGÊNCIAS DA HISTÓRIA

Dr. Fantástico data de 1964, na esteira da Crise dos Mísseis, mas também em um momento muito peculiar para a vida política dos Estados Unidos, a Guerra do Vietnã – conflito intensificado ainda mais com a posse de Lyndon Johnson após o assassinato de John Kennedy em novembro de 1963 (não queremos com isso poupar ou mesmo diminuir as responsabilidades de Kennedy frente ao conflito, apenas registrar que Johnson aplicou muito mais recursos – humanos e financeiros – para atingir os objetivos perseguidos pelo presidente que fora assassinado).²⁰

O tema central de *Dr. Fantástico* é a catástrofe nuclear. As imagens, já conhecidas, de Hiroshima e Nagasaki seriam utilizadas de forma estilizada no filme, também como um alerta para evitar a repetição do uso de armas nucleares agora na Guerra do Vietnã. Desse modo, *Dr. Fantástico* traz embutido um forte componente de denúncia satírica, com o objetivo de, através do riso, ter um alcance muito maior em seus propósitos.²¹

O filme traz uma ruptura importante no sentido da realização da crítica fora dos cânones vigentes no cinema de Hollywood (mesmo que não seja uma produção hollywoodiana!). Até então, os filmes dos grandes estúdios cinematográficos criticavam exclusivamente o modo de vida soviético, ignorando os componentes essenciais do modo de vida estadunidense, que estava despertando, na metade dos anos 1960, do “sonho americano” característico do imediato pós-guerra da década de 1950.

A ruptura fica mais evidente no fato da crítica ser realizada aos alicerces das duas sociedades hegemônicas da Guerra Fria, e não mais exclusivamente ao pólo comunista (o filme critica, e com certa ênfase, inclusive o pólo capitalista). Assim, são

²⁰ Uma análise pertinente sobre o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã, em especial comparando os governos Kennedy e Johnson pode ser encontrada em CHOMSKY, Noam. **Camelot**: os anos Kennedy. São Paulo: Scritta, 1993, p. 117-130.

²¹ O próprio diretor da película tem depoimento nesse sentido: “Comecei a trabalhar no roteiro, com todas as intenções de fazer do filme um tratamento sério do problema da guerra nuclear accidental. A medida que tentava imaginar a maneira pela qual as coisas realmente podiam acontecer, me vinham ideias que devia descartar em virtude de que eram muito cômicas. Me dizia a mim mesmo: ‘não posso pôr isso; as pessoas ririam’. Mas em um mês mais ou menos, comecei a me dar conta de que tudo o que estava jogando pro lixo eram as coisas mais verdadeiras”. KUBRICK apud MALAND, Charles. Doctor Strangelove: comedia de pesadilla e ideologia del consenso liberal. In: ROLLINS, Peter C. **Hollywood**: El cine como fuente histórica. Buenos Aires: Editorial Fraternal, 1987, p. 259.

possíveis elementos de análise, a partir da leitura do filme, as **forças armadas**, a **política** e o **progresso tecnológico**.

Tendo as **forças armadas** como elemento de análise, é impossível não se fazer o registro do personagem Jack Ripper (uma clara alusão a Jack The Ripper, nosso conhecido por Jack o Estripador). Ripper é um oficial paranóico. Lembra James Forrestal, oficial da Marinha Estadunidense que na década de 1950 se suicidou pulando a janela do quarto de hospital onde estava internado porque via os russos chegando ao seu encontro pelo mar.²²

E essa é outra característica importante do personagem Jack Ripper, que traduz o sentimento de uma grande parcela da população estadunidense daquele período: o anticomunismo. Pelo grau extremado, característico do projeto de sátira proposto pelo diretor do filme, o personagem Ripper trata o comunismo como uma doença. Assim, ele tem grande preocupação com a pureza original, quer seja, o modo de vida estadunidense, que não deve ser “contaminado” pelo germe exótico, o comunismo.

Mas Jack Ripper não é o único elemento de crítica as forças armadas. O general Tergeson é outro exemplo disso: inspirado em Curtes Le May,²³ o Comandante da Força Aérea que mais insistia no bombardeio a Cuba em 1962 e que, em 1945, ordenou ataques devastadores ao Japão, o general Tergeson é um linha-dura, um falcão. É um católico que não vê problemas em matar 20 milhões de pessoas desde que com isso impeça o avanço do comunismo.²⁴

Em relação ao elemento **política**, a figura do presidente dos EUA é uma figura moderada. O personagem lembra muito Adlai Stevenson, democrata duas vezes derrotado nas eleições presidenciais. E justamente por ser moderado é visto pelos setores conservadores como fraco, pois não tem o controle sobre a bomba e está sem possibilidade de intervenção.

²² HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos** – O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 232.

²³ “Logo após a crise dos mísseis, LeMay se tornaria a inspiração para o personagem Buck Tergeson, o descontrolado general da Força Aérea no filme *Dr. Fantástico*, de Stanley Kubrick”. DOBBS, Michael. **Um minuto para a meia-noite**. Kennedy, Kruschev e Castro à beira da guerra nuclear. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 123.

²⁴ É muito possível que não passe de uma coincidência, nesse caso. Mas 20 milhões foi o número de soviéticos mortos ao final da Segunda Guerra Mundial no enfrentamento com as forças que compunham o Nazismo.

A própria relação entre o presidente dos EUA e o primeiro-ministro da URSS é demonstrada de uma forma jocosa. O tom é de sentimentalismo exacerbado, evidenciando uma relação diplomática bastante frágil, haja vista que o soviético se ofende com facilidade ao passo que o estadunidense procura, de todas as formas, ter um comportamento compreensivo – bem de acordo com a imagem de fragilidade já passada acerca da incapacidade de controlar/emitir a ordem de detonação do ataque nuclear (no que foi suplantado por Ripper).

Ao acentuar a fragilidade do presidente dos EUA, Kubrick fortalece seu argumento de que a guerra – ou a hecatombe nuclear – pode ser consequência de atos que escapam ao controle e à razão. Afinal, se o presidente dos EUA não tem controle sobre as armas nucleares de seu país (ou se o primeiro ministro da URSS é retratado como um bêbado, incapaz de compreender o que se passa ao seu redor) como poderão as populações confiar no equilíbrio de terror da Guerra Fria?

Já o **progresso tecnológico** está presente na substituição do homem pelas máquinas em prol de uma eficiência total. E dessa vez não é por acaso: a Máquina do Fim do Mundo é soviética, em alusão ao grande progresso tecnológico que a URSS adquire ao longo dos anos finais da década de 1950 e nos 1960.²⁵

A crítica mais intensa, a nosso ver, de toda a película de Stanley Kubrick, está presente, justamente, na abordagem do progresso tecnológico. O capitão inglês, Mandrey, após sucessivas tentativas, acaba por conseguir descobrir o código secreto necessário para abortar a missão que se dirigia a URSS, fazendo-os voltarem a solo estadunidense. É imprescindível que o presidente dos Estados Unidos seja imediatamente comunicado para evitar a hecatombe nuclear! No entanto, e para desespero do capitão (e de muitos espectadores!), as telecomunicações estão todas cortadas...

Mandrey, que está sob a custódia do militar estadunidense (mais uma metáfora cristalina sob a condição da Inglaterra frente aos EUA no pós-guerra) encontra um

²⁵ Nunca é demais lembrar que, em 1957, são os soviéticos que pela primeira vez lançam ao espaço um satélite artificial, o Sputnik. Também são os soviéticos pioneiros ao lançarem ao espaço o primeiro ser vivo, a cadela Laika (em torno de um mês após o lançamento do Sputnik). E, em 12 de abril de 1961, os soviéticos chegavam ao auge na corrida espacial: Yuri Gagarin, o cosmonauta que pilotava a espaçonave Vostok I, era o primeiro homo sapiens a entrar em órbita – e retornar vivo para contar a História!

telefone público dentro da base militar. No entanto, não consegue realizar a ligação que salvaria o mundo: o público (telefone) está subordinado ao privado (moeda). É o interesse individual que é denunciado por se sobrepor aos direitos civis, portanto coletivos, mais fundamentais, quer seja, o direito à vida. **O mundo, com toda a riqueza produzida, fica a mercê da destruição por 10 centavos!!!** A vida humana, de toda a espécie humana, em última análise, não vale 10 centavos.

Porém, ainda há uma última alternativa: o ícone maior do capitalismo estadunidense, a marca de refrigerantes Coca-Cola. Próximo ao espaço do telefone público havia uma máquina de refrigerantes da Coca-Cola, abarrotada de moedas. A solução, de teor *robinwoodiano*, exprime certa relutância do militar estadunidense sob o argumento canônico – e porque não dizer dogmático – do desrespeito à propriedade privada.²⁶ Mas a situação era extrema! O capitalismo, nascido da Dupla Revolução (Industrial e Francesa), faria uma concessão à vida e tentaria evitar a prédica de Karl Marx de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Porém, já era tarde...

A TÍTULO DE CONCLUSÃO: O ENIGMÁTICO *DR. STRANGELOVE*

O filme de Kubrick antecipa, em poucos anos mas com uma visão muito ampliada, o que seriam os anos finais da década de 60, em especial após o 68. A sexualidade que tentava se libertar de uma sociedade conservadora e profundamente religiosa permeia toda a película que é repleta de referências eróticas. Essas referências eróticas são associadas com a violência, seja ela concreta como nos casos da metralhadora ou das explosões ao final do filme que lembram o clímax da relação sexual, seja no plano do universo simbólico como os aviões que representam o ato sexual ao início do filme ou mesmo com a cena na qual a Bomba Atômica é cavalgada pelo caubói estadunidense.

Mas a violência não existe apenas pela força. Em certo sentido, é possível lembrarmos de Gramsci que, ao falar de hegemonia, alerta que é necessário, na formação do consenso, que a força seja equilibrada com o convencimento. No caso

²⁶ A propriedade é tratada como direito natural do homem desde a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de agosto de 1789. Só esquecem-se de dizer que quem preconizou esse item, no segundo artigo da referida Declaração, não foram as pessoas sem propriedade, mas sim os burgueses que inauguram um mundo novo, sem dúvida muito melhor que o mundo antigo, mas ainda pleno de erros e injustiças!

concreto do filme Dr. Fantástico, o que equilibra a força das armas na obtenção desse consenso é o moralismo católico, muito bem expresso na personagem do general Tergeson. Após a relação sexual com a secretária que almejava obter o *status* de esposa, o general a mandou rezar antes de dormir, em uma clara referência à expiação dos pecados. O moralismo católico faz da culpa sexual a maior de todas as culpas – maior, inclusive como frisado no filme, do que a morte de 20 milhões de seres humanos, preconizada por Tergeson/ Le May.

É importante percebermos que a sexualidade serve, inclusive, como elemento de coesão para o filme. Afinal, qual a característica que mais aproxima o militar (Tergeson), o comunista (o embaixador da URSS), o democrata (presidente dos EUA) e o nazista (Dr. Strangelove)?

A resposta está relacionada ao fim da relação monogâmica... mas dentro de uma perspectiva machista. Seria necessário o “sacrifício” de cada homem em ficar com dez mulheres “de natureza altamente excitante” para a manutenção do desenvolvimento da raça humana após a hecatombe nuclear. Notem que não é a emancipação sexual da mulher que será capaz de iniciar um mundo novo, porque não é essa a preocupação das personagens, eles não estão interessados na mudança mas sim na reprodução (e nos perdoem o trocadilho!!!). O que querem Tergeson, o presidente dos EUA, o embaixador da URSS e o nazista é a manutenção do *status quo*, incapazes de perceber que essa situação foi gerada pela corrida armamentista que é um produto da Guerra Fria.

Porém, diferentemente da corrida armamentista, o personagem Dr. Strangelove, tem um passado que antecede a própria Guerra Fria. Ele é um nazista que foi incorporado a um dos pólos vencedores da Segunda Guerra Mundial que combatiam justamente... os nazistas! Dr. Strangelove não é um caso ficcional, tampouco caso único, muitos dos cientistas que serviram Hitler foram absorvidos pelos institutos de pesquisa do mundo livre, tentando ocultar sua identidade e seu passado.

Ao final do filme, Dr. Strangelove levanta-se, quase por milagre, da sua cadeira de rodas. A cena, talvez, possa ser mais lembrada pelo seu caráter inusitado e, por que não, ridículo. Todavia, o exagero da cena tem uma razão profunda. É um alerta, possivelmente a crítica mais intensa de toda a película: Kubrick, ao seu modo, irreverente, nos traz uma lição, que parecer manter a atualidade em 2012: o fascismo

não morreu! O fascismo está em cadeira de rodas. E está apenas esperando para se levantar!

ARTIGO RECEBIDO EM ABRIL DE 2012.

PUBLICADO EM JUNHO 2014.



www.revistafenix.pro.br